



DOSSIÊ: IMAGINAÇÕES DO ANTROPOCENO NA LITERATURA

A distopia como caminho

Dystopia as a path

La distopia como camino

**Giovana Silva de
Oliveira¹**

orcid.org/0000-0003-1361-2949
giovana.silva@ufrgs.br

Recebido: 19 jan. 2024.

Aprovado: 08 abri. 2024.

Publicado: 27 ago. 2024.

Resumo: Neste trabalho, proponho reflexões sobre os possíveis papéis que a distopia pode estar exercendo no mundo contemporâneo e potenciais alternativas para o futuro, que fujam de uma resignação ou resiliência coletiva. Para isso, faço uma aproximação e uma análise das palavras "distopia" e "utopia", considerando como esses dois termos têm sido colocados em jogo no panorama contemporâneo a partir de conceitos trabalhados por Hilário (2013) sobre a proposta por trás das obras distópicas, principalmente pela figura do "alarme de incêndio", em teoria, responsável por evitar desastres futuros, e de considerações sobre os eventuais males que a abundância de obras distópicas podem trazer ao imaginário contemporâneo. A discussão é permeada pela questão da crise climática, um tema que vem sendo cada vez mais explorado em obras de ficção científica, geralmente por um viés catastrófico. Esses temas têm como fio condutor a literatura e a imaginação: de que maneira uma influencia a outra? A partir do termo "pessimismo cruel", trazido por Mitchell (2022), pode-se estabelecer um paralelo de que o pessimismo e o luto que vivemos enquanto sociedade do capitalismo tardio, em que é difícil enxergar alternativas possíveis e mais humanas do futuro, o papel das distopias pode precisar de uma mudança, pois cabe argumentar que elas, ao invés de nos alertarem sobre um perigo iminente, agem no sentido de corroborar os problemas que já enfrentamos. Ao fim, sugiro que pensemos em uma nova página para as obras distópicas, que propiciem uma outra maneira de olhar para o futuro da humanidade dentro da literatura.

Palavras-chave: distopia; utopia; ficção científica; literatura; literatura contemporânea.

Abstract: This work proposes reflections on the possible roles that dystopia may play in the contemporary world and the potential alternatives for the future, avoiding collective resignation or resilience. In the face of it, I approach and analyse the words "dystopia" and "utopia" considering how these two terms have been brought into play in the contemporary context. The analysis is based on the concepts developed by Hilário (2013) regarding the underlying proposal of dystopian works, mainly through the concept of the "fire alarm," theoretically responsible for preventing future disasters. I also make reflections on the potential harm the abundance of dystopian works can bring to the contemporary imagination. The discussion is influenced by the issue of the climate crisis, a theme that has been increasingly explored in science fiction works, generally from a catastrophic perspective. These themes are guided by literature and imagination: How does one influence the other? Building on the term "cruel pessimism," introduced by Mitchell (2022), it is possible to draw a parallel between the pessimism and mourning we experience as a society in late capitalism, where it is challenging to envision possible and more humane alternatives for the future, may require a reevaluation of the role of dystopias. It can be argued that, instead of solely warning us about imminent danger, dystopias may also exacerbate our problems. In conclusion, I suggest a new direction for dystopia to foster a different way of looking at the future of humanity within the literature.

Keywords: dystopia, utopia, science fiction, literature, contemporary literature



Resumen: En este trabajo, propongo reflexiones sobre los posibles roles que la distopía puede estar desempeñando en el mundo contemporáneo y cuáles son las posibles alternativas para el futuro, que eviten la resignación o la resiliencia colectiva. Para ello, realizo una aproximación y análisis de las palabras "distopía" y "utopía", considerando cómo estos dos términos han sido incorporados al panorama contemporáneo a partir de conceptos desarrollados por Hilário (2013) sobre la propuesta detrás de las obras distópicas, especialmente a través de la figura de la "alarma de incendios", teóricamente responsable de prevenir desastres futuros. También reflexiono sobre los posibles perjuicios que la abundancia de obras distópicas puede traer al imaginario contemporáneo. La discusión está fuertemente influenciada por la cuestión de la crisis climática, un tema que se ha explorado cada vez más en obras de ciencia ficción, generalmente desde una perspectiva catastrófica. Estos temas tienen como hilo conductor la literatura y la imaginación: ¿de qué manera una influencia a la otra? A partir del término "pesimismo cruel", introducido por Mitchell (2022), es posible establecer un paralelo que el pesimismo y el duelo que experimentamos como sociedad en el capitalismo tardío, donde es difícil vislumbrar alternativas posibles y más humanas para el futuro, podrían requerir un cambio en el rol de las distopías. Se puede argumentar que, en lugar de solo alertarnos sobre un peligro inminente, las distopías también pueden empeorar nuestra capacidad de imaginar caminos para huir del problema. En última instancia, sugiero que consideremos una nueva dirección para las obras distópicas, que proporcione una manera diferente de mirar hacia el futuro de la humanidad en la literatura.

Palabras clave: distopía; utopía; ciencia ficción; literatura; literatura contemporánea.

Entre negativos e positivos: utopias e distopias

Como imaginar a distopia quando já a habitamos? Como nos toca a distopia em tempos distópicos? O século XXI foi marcado pela produção de grandes obras comerciais e populares de distopias: dos zumbis ao fim do mundo, das guerras terrestres às guerras intergalácticas. Qualquer novo descobrimento, seja de vida fora do planeta ou de elementos terráqueos, é dado às mãos erradas e chegamos a ele: nosso fim enquanto sociedade ou espécie.

Esse pensamento tem sido recorrente entre telespectadores, leitores, críticos e teóricos há algum tempo. Elizabeth Ginway (2005) já alertava que, pelo menos dentro do campo da ficção científica brasileira,² as novas tecnologias e

descobrimientos assustavam o público brasileiro desde os anos 60, somando-se aos problemas políticos e sociais que já existiam no país, ao invés de resolvê-los. Pois bem, chegou o século atual, temos a tecnologia que nos assombrava enquanto sociedade 80 anos atrás e, tal como poderíamos suspeitar, ela não solucionou os nossos problemas — inclusive pode ter causado alguns novos ou piorado o cenário de outros. O tempo passou e novos atores se juntaram à peça: a crise climática nunca fez tanta parte da nossa concepção de presente e futuro como parece fazer agora.

A distopia parece tão real e igual ao mundo que nos cerca que tampouco é raro ver quem tem contato com ela na ficção desejando vivê-la. Na época em que os apocalipses zumbis estouravam em todas as telas, principalmente adolescentes fantasiavam sobre um mundo em que teriam que lutar para sobreviver aos monstros e às traições humanas, traçando planos de defesa e combate. Essa pequena demonstração de imaginário infantil-juvenil permeado pelas distopias produzidas contemporaneamente é suficiente para provar um pequeno ponto: essas histórias ambientadas nesses mundos catastróficos têm o poder de moldar nossos sonhos, vontades, desejos e percepções da realidade. A pandemia de Covid-19 também mostrou como essa assimilação entre e realidade e ficção é corriqueira, como pôde ser visto em comentários e memes que circularam entre os anos de 2020 e 2021: "agora eu sei quem não sobreviveria a um apocalipse zumbi".

Esses pequenos exemplos também são capazes de trazer um pouco à tona a questão de que o papel das distopias, ou pelo menos aquele que foi imaginado para elas anos atrás, já não se sustenta em sua totalidade e para todas as pessoas, conforme aponta Hilário (2013):

O romance distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. Por exemplo,

² É interessante perceber como muitos teóricos que estudam ficção científica e distopia/utopia se esbarram frequentemente, sendo esses dois temas muito afins.

se a narrativa kafkiana, no início do século XX, seguindo a hipótese lançada, é compreendida enquanto aviso com relação à sociedade burocrática e totalitária alemã, pois a analisa através da narrativa da experiência do sujeito permanentemente entrelaçado com um superpoder, desprovido de sentido e que controla sua vida, também a distopia, elaborada sobretudo entre as décadas de 30 e 50 do século passado, soa o alarme com relação às mudanças em curso nos anos que se seguiram ao seu surgimento (HILÁRIO, 2013, p. 202).

Põe-se em xeque até que ponto o alarme de incêndio, o aviso do perigo trazido pelas distopias, é de fato efetivo: às vezes mais parecem ideias para que os líderes distópicos do nosso presente sejam mais criativos. Tem falhado inclusive como aviso, porque em geral nos encontramos deprimidos, resignados ou resilientes.³

É possível questionar, ainda, quando que esses alarmes de incêndio foram de fato ouvidos. Não é incomum fazer comparações entre obras dos anos 50 com o mundo contemporâneo, sobre a ideia de que os perigos alertados lá estão se tornando realidade apenas agora. Teria esse perigo sido evitado por 70 anos, até que nossos ouvidos parassem de escutar o alarme? São obras simplesmente atemporais ou, na verdade, o perigo em si nunca foi evitado, apenas tardado?

Vale trazer à tona também, ainda mais frente ao cenário político complexo e instável que vivenciamos hoje no Brasil — e como ele nos afeta na nossa vida familiar, pessoal e íntima —, o fato de que a realidade muitas vezes tem sido mais rápida, ou mais catastrófica, do que a literatura. Em uma releitura constante da frase “a vida imita a arte” (ou vice-versa), comparações feitas sobre o que ocorre no mundo real e o que vem sendo representado nas telas ou nos livros são corriqueiras, e as coincidências entre esses dois retratos da vida são cada vez mais assustadoras. A série de televisão inglesa *Black Mirror* (2011) foi uma das que parecia próxima demais da realidade para ser considerada apenas ficção, e não previsão. Menos como avisos de incêndio e cada vez mais como previsões muito próximas à realidade do

nosso futuro, a distopia pode também servir como uma ferramenta que nos deixa mais deprimidos, ansiosos e angustiados frente a tantas catástrofes diferentes que podem estar nos esperando na próxima esquina de nossas vidas.

Nesse panorama de obras distópicas que servem de cenário dos sonhos nas mentes juvenis, mundos assombrosos para aqueles que conseguem enxergar verdade nas previsões da ficção ou ideias criativas para detentores do poder, faz-se necessário ponderar que papel a distopia pode estar desempenhando na construção do imaginário da sociedade do século XXI e qual o papel que ela quer desempenhar. Mais do que isso, se a distopia tal como ela foi concebida e analisada ainda nos serve enquanto sociedade contemporânea, e quais as possíveis mudanças de concepção ela pode adotar para estar mais próxima dos ideais que a liam como aviso de incêndio.

Há uma gama de autores e pensadores que vêm se distanciando da distopia ao encontro de sua irmã, esquecida durante algum tempo: a utopia. Esse encontro vem acontecendo a partir da percepção de que talvez não seja possível escapar de todas as distopias que vemos se desenhando no nosso futuro. A partir de uma visão ecológica, por exemplo — embora o trecho a seguir possa ser usado quando se fala das mais diferentes manifestações da desigualdade social —, a denominação do que se sente nos dias de hoje já pode ser colocada também em questão:

Para os jovens de hoje, há uma ameaça persistente e assustadora. Essa ameaça não é, paradoxalmente, a mudança climática, mas sim o luto pelas mudanças climáticas. Isto é, uma sociedade bem organizada e consciente poderia facilmente lidar com o problema das mudanças climáticas dentro das próximas décadas — fazendo uma transição para fontes de energia renováveis, diminuindo dramaticamente o consumo e mudando para um sistema econômico que não exalta o crescimento sem limite. No entanto, uma sociedade que acredita que as mudanças climáticas são inevitáveis — que “as coisas não podem ser de outro jeito” — é

³ Essa última palavra empregada da maneira que o sistema capitalista gosta, como se fôssemos heróis por nos adaptarmos a pagar dez reais no litro de leite, vendo quem está mais abaixo de nós morrer de fome, adaptando-nos constantemente até que chegue a nossa vez de morrer.

uma sociedade condenada (JOHNSON, 2020, n.p., tradução minha).⁴

A partir da ideia de que já se sofre um luto antecipado — pelo futuro que parece inevitavelmente desolador, um futuro que já parece morto —, é difícil buscar novas maneiras de se manter otimista ou, pelo menos, neutro no presente. A necessidade, na verdade, não é nem de otimismo ou neutralidade, mas de alguma força ou ação que nos leve à concepção e futura construção de um mundo do qual de fato gostamos. A sensação é a de uma luta que já está perdida e de que nem nos foi dada a chance de lutar, porque o poder não está e nunca esteve em nossas mãos. Além disso, é possível pensar, as distopias, principalmente em suas versões mais comerciais e com maior visibilidade do público, podem estar alimentando o luto e a impossibilidade de imaginar um mundo em que consigamos escapar da distopia. O alarme de incêndio já nos deixou surdos, e é impossível escutar vozes que cantem outros futuros possíveis. Ao invés de nos depararmos com outras possibilidades de imaginar o mundo e a nossas vidas quando buscamos refúgio na arte, mais do que nunca ela nos oferece um espelho.

O distanciamento das distopias ao encontro das utopias é um pulo menos largo ao se considerar um pouco os próprios termos *utopia* e *distopia*. Há quem chame as distopias de utopias negativas, e há quem afirme que as utopias são terras perfeitas, porém inalcançáveis ou inexistentes, como apenas um sonho que jamais poderá ser alcançado — numa visão bastante distópica de que os nossos sonhos nunca estão ao nosso alcance. Essa reflexão sobre o termo foi encontrada há bastante tempo, na obra *Utopia* de Thomas More (2018 [1516]). Embora o argumento do autor mostre toda sua concepção de sociedade justa e perfeita e faça a denúncia muito atemporal da acumulação de riquezas de alguns e da desigualdade social profunda provocada por isso, é

na própria reflexão sobre a palavra *utopia* que se pode encontrar um caminho para lidar com o tratamento dos termos. Isso acontece em um breve momento, antes do texto em si sobre a ilha, em "Uma sextilha sobre a ilha de Utopia por Anemólio, poeta laureado e sobrinho de Hitlodeu por parte de irmã":

Remota, em tempos distantes eu era "Não Lugar",
mas agora rivalizo com o Estado de Platão,
Talvez até o supere: com palavras ele retratou
O que demonstro ao natural com homens,
Recursos e as mais excelentes das leis.
Assim, o certo seria chamar-me "Feliz-lugar"
(MORE, 2018, p. 43).

A palavra *utopia* foi tomando, e ainda toma, diversos sentidos ao longo do tempo. Tem-se até mesmo como algo inalcançável, uma ideia ingênua ou boba, uma maneira de dissuadir alguém de fazer algo: não adianta tentar, isso é utópico. A eutopia, por sua vez, sai um pouco dessa ideia e se afasta da noção de perfeição, já tão distante da nossa realidade. Se a distopia parece nos carregar para um futuro indesejado, semelhante ao presente do qual queremos fugir, com suas tantas situações precárias, e a utopia parece apenas a esperança vã de quem se sente aprisionado, talvez seja na eutopia que nossos escritores e contadores de histórias possam encontrar novos horizontes para explorar e, quem sabe, povoar nosso imaginário com ideias novas, que não nos deixem nem de luto nem cínicos.

Ou seja, talvez na eutopia seja possível se contentar com a felicidade e suas imperfeições; os problemas que forem surgindo vão sendo trabalhados e acolhidos pela sociedade, em uma estrutura que funciona. A eutopia pode representar a fuga da utopia estática, de maneira que a sociedade mantenha sempre uma única característica: a capacidade de mudar e de se aperfeiçoar. Conforme a noção do que é a felicidade muda, a eutopia também muda,

⁴ Do original: For young people today, there is a persistent and creeping threat. This threat is, paradoxically, not climate change, but climate grief. That is, a well-organized and conscious society could quite easily address the issue of climate change in the next few decades—by transitioning to all renewable energy, dramatically cutting down on consumption, and shifting away from an economic system that glorifies limitless growth. However, a society which believes that climate change is inevitable — that "things cannot be otherwise" — is a doomed society.

atualizando-se sempre que necessário para se manter fiel ao sentido de felicidade da sociedade que a imagine. Há, inclusive, novos movimentos e estéticas surgindo pelas beiradas para tentar dar conta das eutopias: o *solarpunk*, por exemplo, nascido como movimento ecológico e adotado pela literatura⁵, vem ganhando força com suas histórias tanto da luta que se trava para chegar a um mundo melhor quanto as próprias histórias que podemos contar neste mundo.

Tendo esse emaranhado de conceitos e palavras tão próximos e transgredidos — como no caso da utopia negativa —, abre-se caminho para uma nova, porém antiga, palavra, como é o caso da *eutopia*, ou para uma nova transgressão: a distopia positiva. O termo pode fazer maior sentido ao se levar em conta algumas distopias sociais, como o caso da série de livros *Jogos Vorazes* (2008) ou do filme *Expresso do Amanhã* (2013), em que, para uma pequena elite, o mundo não é tão distópico assim. Em outras palavras, em diversas obras distópicas, pode-se observar que para uma pequena parcela da população — tal como acontece neste exato momento⁶ —, o mundo não é tão ruim. Essa parcela precisa apenas que o mundo seja horrível para todas as outras pessoas a fim de manter um prestígio social e econômico para um seletivo grupo. Logo, pode-se pensar: distopia para quem? Para os 99% que sofrem com ela. A distopia positiva poderia se dar, então, quando finalmente o 1% que sempre esteve por cima estiver ocupando o lugar dos outros 99% que sempre subjugou, ou, melhor ainda, quando não for necessário que alguém ocupe esse lugar de subjugado.

Até certo ponto, não importa muito sua denominação: o que realmente importa é que haja essa noção de deslocamento do que se considera possível e que se tire um pouco a noção de impossibilidade. Hilário também toca na questão terminológica:

O utopista é aquele cuja função é deslocar a fronteira daquilo que os contemporâneos julgam possível, no sentido positivo e emancipatório. Por isso, salienta Chauí (2012, p. 376), o prefixo negativo *u-* é a condição implícita de outro prefixo grego, mais positivo, *eu-*, que indica nobreza, justiça, abundância. Deste modo, utopia, lugar nenhum, significa também eutopia, lugar feliz. Trata-se de enfatizar que as condições que nos permitem ser livres já existem em potência (HILÁRIO, 2013, p. 204-205, grifos do autor).

Se a utopia serve para algo, e o utopista tem uma função, é na literatura que esses dois trabalhos se encontram e dão frutos — também onde as distopias podem encontrar novos papéis ou remodelar os antigos. Esses frutos podem ser de diferentes tamanhos e formas. Assim como na educação, quando estamos estudando para nos tornarmos professores, é importante lembrar aos futuros profissionais o fato de que eles não vão mudar o mundo — até porque, apesar de ser um belo desejo, não deixa de ser uma superestimação da capacidade de uma única pessoa —, tampouco conceber uma utopia, ou tentativa de utopia, vai ter algum impacto extensivo. Mais do que provocar alguma mudança direta, a literatura utópica tem força porque nos permitir sonhar.

Escritora e pesquisadora de utopias e distopias, Ana Rüsche (2015) já afirmou que o capitalismo tem o poder de nos fazer pensar que somente ele pode existir, e que, no atual cenário, talvez exista a impossibilidade de oferecer uma receita ou fórmula de revolução para que ele seja superado; resta-nos apontar a possibilidade de alteridade, deslocando pelo menos a própria fronteira do impossível. Sem nunca tirar o peso do que podem ser nossas ações individuais, por mais que sejam frustradas quando sentimos que são inúteis frente à conjuntura, a literatura sempre foi lugar de alteridade, de permitir que nos coloquemos em diferentes corpos e lugares pela imaginação.

Ao longo da história, essa característica já teve inúmeras consequências no mundo e nas socie-

⁵ O *solarpunk* inclusive teve sua primeira aparição na literatura pelo livro de contos *Solarpunk: histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável*, organizado por Gerson Lodi-Ribeiro, em 2013.

⁶ Conforme matéria recente, os bilionários seguem ficando cada vez mais bilionários, enquanto a pobreza se alastra: levaremos menos tempo até o primeiro trilionário que para erradicar a pobreza. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/01/15/cinco-mais-ricos-do-mundo-dobram-patrimonio-em-3-anos-enquanto-60-ficam-mais-pobres>>. Acesso em: 19 de jan. 2024.

dades, em maior e menor grau. Puchner, em seu livro *O Mundo da Escrita*, conta-nos a história da influência da literatura na vida humana:

Os seres humanos fazem narrações orais desde que aprenderam a se comunicar por meio de sons simbólicos e usar esses sons para contar histórias do passado e do futuro, de deuses e demônios, histórias que davam às comunidades um passado compartilhado e um destino comum. As histórias também preservavam a experiência humana, dizendo aos ouvintes como agir em situações difíceis e como evitar armadilhas comuns (PUCHNER, 2019, p. 50).

Não só a atividade literária premeditada — ou seja, com a intenção de ser literatura —, mas também a nossa contação de histórias do cotidiano acabam por nos fazer ser quem somos. O nosso passado não é mais que uma história que repetimos para os outros e para nós mesmos; qualquer tentativa de se descrever a si mesmo não passa, de certa forma, de um exercício narrativo de construção de personagem; e o nosso futuro, seja ele qual for, também é uma história que nós contamos para continuarmos vivendo no presente. Talvez por isso a utopia possa encontrar um novo espaço para florescer ou ressignificar as distopias, elas que também tinham (e têm) o viés de nos alertar sobre os perigos do presente para que pudéssemos evitá-los. Acreditar que pode haver um futuro melhor é a primeira condição para se poder construir de fato uma realidade.⁷

Posto isso, é perverso impedir que sonhemos ou criemos uma história para o nosso futuro que seja melhor que nosso presente: é quase como ferir a nossa própria capacidade de pensar, de imaginar; nossa liberdade de ser quem quisermos ser. É interessante ver como vários autores convergem para essa linha de pensamento, com diferentes palavras e aproximações. É o caso, por exemplo, de Ailton Krenak, em *Ideias para adiar*

o fim do mundo (2019) —, cujo título o autor comenta ter escolhido ao acaso para uma palestra em Portugal, na qual elucidou como precisamos ter até mesmo mais criatividade para continuar contando histórias para evitar o fim —, quando diz que o fim do mundo é pregado como maneira de fazer com que desistamos dos nossos próprios sonhos. Não faz sentido perseguir um sonho quando existe o entendimento, e até mesmo já se sofre o luto disso, de que é impossível alcançá-lo, porque não vai haver mais mundo como o conhecemos. E sem um sonho, ou um delírio, ou um horizonte ao qual queiramos chegar, não há como escolher o caminho que vamos construir; acabamos seguindo o caminho que outros sugerem para nós. É necessário começar a pensar como seria esse lugar feliz ao qual se quer chegar.

O contexto do qual partimos

Em *Democracia Precária* (2022), o capítulo "Pessimismo Cruel", escrito por Sean T. Mitchell, coloca lado a lado dois conceitos, um já existente e outro proposto pelo autor: o otimismo cruel e o pessimismo cruel. O autor aponta que o Brasil contemporâneo está vivendo o segundo: da maneira como o país anda, qualquer tentativa de mudar alguma coisa que seja, de tomar uma atitude em direção a um futuro melhor, parece frustrada antes mesmo que seja feita, porque tudo aponta para um destino catastrófico — ou então que qualquer ação contra o fim do mundo vai se tornar um golpe contra si mesma e ser englobada pelo sistema.⁸

Mais uma vez, agora através de um estudo antropológico, a impossibilidade de enxergar uma diferença, um outro tipo de futuro, é apontada como uma das grandes mazelas dos tempos atuais. E mais: o pessimismo cruel, com sua falta

⁷ No vídeo *A Message From the Future With Alexandria Ocasio-Cortez*, publicado pelo The Intercept em 2018, há uma frase que ecoa esses pensamentos: "we can do whatever we have the courage to see" ("nós podemos fazer tudo aquilo que temos a coragem de ver", em tradução livre). Apesar de se basear apenas nos poderes democráticos vigentes, como eleger as pessoas certas, ao invés de uma certa mobilização e conscientização social, pode-se dizer que o vídeo cumpre sua função de buscar uma alternativa para os rumos que vemos se formando no horizonte e oferecer uma nova visão de futuro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dguTHoiprVQ>. Acesso em: 17 jan. 2024.

⁸ Algo nesse sentido acontece no episódio "Fifteen million merits", da série *Black Mirror* (2011), criada por Charlie Brooker. No episódio, as pessoas vivem confinadas em pequenos cubículos, dentro dos quais devem pedalar bicicletas para "fazer as engrenagens girarem". O personagem principal, depois de passar por uma situação que o deixa ainda mais indignado com o sistema, tem a oportunidade de mostrar sua indignação em um programa transmitido a todos, porém os jurados do programa acham sua indignação divertida e lhe oferecem um programa semanal para que fale mal do sistema ao mesmo tempo em que continua gerando dinheiro para ele.

de fé na mobilização coletiva e nos instrumentos democráticos, mina não só a possibilidade de enxergar um novo horizonte, mas dos próprios primeiros passos. Carecemos não apenas da possibilidade de imaginação, mas também dos instrumentos.

O conceito deriva do otimismo cruel, que pode ser relacionado a um dos mitos brasileiros que fundamenta a nossa literatura, pelo menos de ficção científica, definido por Ginway (2005) como aquela sensação apontada por muitos brasileiros de que o Brasil é um lugar no qual tudo poderia ser maravilhoso: um lugar onde a terra é boa, o povo é criativo, há espaço para todos e todos poderiam se respeitar e viver em harmonia — há quem acredite que inclusive já o fazemos. Essa crença pode nos levar a não enxergar o mundo real com objetividade e não deixa de ser cruel ao nos fazer acreditar em algo que pode não estar tão baseado assim na realidade. Porém, partir da crença do Brasil utópico para o Brasil onde nada pode dar certo também é um movimento violento; e ambos estão em jogo no panorama.

Por um lado, nossa literatura foi formada pela perspectiva do otimismo cruel: tudo poderia ser maravilhoso, mas não conseguimos nunca atingir esse patamar de maravilha, como se fracassássemos todos os dias em perceber a grandeza na qual já vivemos ou nos déssemos conta de que essa grandeza não é tão grande assim. Por outro lado, a realidade se vê influenciada por um pessimismo cruel: a situação está ruim e não há nada que se possa fazer para fugir disso.

Nesse sentido, há dois tipos de histórias que não contemplam a construção de um caminho efetivo, prático e possível para uma eutopia: as que apontam o paraíso impossível, com requintes de crueldade de quem nunca vai poder alcançá-lo, e as que apontam o inevitável fim da nossa capacidade de sonhar. Por mais que sejam mascaradas de críticas à sociedade já em colapso dos tempos atuais, ou de sua versão um pouco

piorada dos próximos anos, o efeito devastador que esse tipo de história pode ter no imaginário dos indivíduos, baseada em algum desses conceitos, é o que fica.

É aí que precisamos de todo o poder da nossa imaginação e é aí que nossa imaginação precisa da arte e da filosofia. A arte, em sua maioria, não trata diretamente de nossos dilemas práticos como as utopias e distopias tratam. Mas todo tipo de arte incorpora perspectivas para o futuro, e nossas perspectivas expressam os ideais que nos movem. Se queremos evitar cair em uma resignação fatalista, precisamos beber constantemente dessa fonte. Precisamos encontrar perspectivas positivas, pois, do contrário, seremos inevitavelmente escravizados pelas negativas. Perspectivas positivas são o nutriente necessário para um idealismo eficaz (MIDGLEY, 2005, p. 22, tradução minha).⁹

Ser escravizado por visões ruins, nefastas; Midgley se aproxima do que já foi apontado antes sobre o grande trunfo do sistema capitalista: ao pensar que apenas ele é possível, de fato somente ele será possível. Em última instância, é o novo sistema de colonização que presenciamos: o dos nossos pensamentos.

O filme *Queimada!*, de Gillo Pontecorvo (1969), traz uma cena que ilustra, de maneira quase didática, a importância de não apenas sabermos rejeitar aquilo que não queremos, mas também de saber o que colocar no lugar de algo que rejeitamos. O filme se passa em uma ilha caribenha não identificada, onde a população, basicamente composta de africanos escravizados, finalmente consegue organizar uma revolução — embora parta de um plano de tom cínico do governo inglês — e tomar o poder da ilha. O líder da revolução é convidado a se sentar com os ingleses para ter ajuda em definir os novos rumos da gestão democrática da ilha. Porém, não havia um plano para o depois da tomada de poder; tudo que o líder sabe responder é o que não quer, repetindo a palavra diversas vezes na cena. Na ausência de um projeto ou desejo — ou boa visão — que guie a nova democracia, a revolução perde força e o

⁹ Do original: That is where we need the full scope of our imagination, and it is where our imagination needs both art and philosophy. Most of art does not, of course, deal as directly with our practical dilemmas as Utopias and dystopias do. But all art embodies visions, and our visions express the ideals that move us. If we are to avoid collapsing in fatalistic resignation, we need constantly to drink at this spring. We need to find good visions because, if we don't, we will unavoidably be enslaved by bad ones. Good visions are the necessary nourishment of effective idealism.

poder é entregue à pequena burguesia da ilha.

É preciso imaginar e se permitir desviar do pessimismo em relação ao futuro para se alcançar o mundo feliz da utopia — e se desarmar um pouco quando vier a vontade de taxar qualquer tentativa utópica de ingênua ou impossível. Não se devem ignorar as mazelas do presente, mas justamente pensar de que maneiras se poderia superá-las.

A união dos dois termos — sonho e perfeição — implica uma atitude desesperançosa de que o perfeito é impossível? Não se pode dar uma resposta única e taxativa: a impossibilidade depende de cada autor. Claro que se pode afirmar que para todos seria um modelo a imitar, mas enquanto para alguns o exemplo que descrevem é uma imagem perfeita, embora inacessível, outros autores sustentam que seus projetos são realizáveis (KELLER, 1991, p. 8, tradução minha).¹⁰

Projetos realizáveis podem ser um bom ponto de partida para pensar a retomada das eutopias ou a nova onda de distopias. Há duas maneiras pelas quais essa ideia pode ser implantada, até mesmo porque são de dois elementos que carecemos, dentro do que foi exposto até agora: os primeiros passos e o sonho no horizonte.

Os primeiros passos são as primeiras sementes que podem germinar em um mundo melhor do que o que vemos agora. A rejeição do que não queremos, embora por si só não se sustente por muito tempo, pode representar um início da construção de um sonho possível: se grupos se juntam ao redor de uma mesma ideia que rejeitam, é possível também que juntos construam o mundo que desejam. Se as distopias conseguem extrapolar a realidade — ou prever o futuro — piorando algumas condições já integrantes de nossa realidade, podem começar também a apontar novos caminhos a partir da rejeição e de elaboração de planos para superar as situações rejeitadas. Assim, não ficará apenas o aviso de incêndio, mas uma indicação de caminho que também aponta para a superação do pessimis-

mo cruel e coloca força na coletividade para o enfrentamento de problemas, algo que é todo dia fustigado pelo incentivo ao individualismo.

O sonho no horizonte é a própria ilha da Utopia: o mundo ao qual se quer chegar. Johnson (2020) afirma, por exemplo, que assim como alguém pode se inspirar pelos homens mecânicos nas histórias de Asimov e começar a estudar robótica, uma pessoa inspirada por histórias de um mundo que "deu certo" pode seguir o caminho dos estudos das tecnologias, sociedades e arquiteturas sustentáveis — e possivelmente da rebeldia e dos incêndios necessários para chegar lá.

Essa vontade de transformar o presente a partir da criação de possibilidades de futuro é um mote forte para impulsionar a escrita.

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (LARROSA, 2015, n.p.).

Larrosa dá ao ato de escrita essa vontade de mudança. Às vezes, esse desejo é taxado de pedagógico, ou pelo menos ecoa para esse lado; porém, considerados os dois motivos do autor para escrever (*transformar o que sabemos e transmitir o já sabido*), o último soa muito mais pedagógico que o primeiro. Escrever sobre a utopia, sobre histórias que se passam em um mundo utópico, em que "tudo deu certo", é um exercício constante e sempre falho de tentar enxergar um pouco mais além, aprender com a própria caminhada e, a partir daí, inspirar o outro a caminhar junto e tentar enxergar um pouco mais longe.

Esse "enxergar um pouco mais longe" é de todo subjetivo: enxergamos a partir da nossa altura, dos nossos problemas de visão, sejam eles astigmatismo ou cegueira seletiva. Ainda

¹⁰ Do original: ¿Implica esta unión de los dos términos — sueño y perfección — una actitud desesperanzada de que lo perfecto es imposible? No se puede dar una respuesta única y tajante: la imposibilidad depende de cada autor. Si se puede afirmar que para todos sería modelo a imitar, pero mientras para unos el ejemplo que describen es una imagen perfecta pero inaccesible, otros autores sostendrían que sus proyectos son realizables.

assim, a utopia ser falha não é um motivo para recusá-la — é na verdade constitutivo da própria utopia. Ana Rüsche (2015), por exemplo, coloca-se quase como defensora da experiência permeada de falhas que é tentar escrever uma utopia: a própria ideia já começa errada, porque possivelmente está além de nossas capacidades, nós que somos tão impregnados do nosso presente. O que realmente importa é a tentativa, a posterior análise de cada tentativa, os inspirados que ficam pelo caminho e os projetos realizáveis que deixamos — aqueles que podem alterar nosso presente e, conseqüentemente, nossas utopias, distopias e futuros.

Dessa maneira, não importa muito o fato de que o que é utopia ou distopia para uns não é para outros; serve até mesmo como uma abertura ao diálogo e à imaginação de como pode ser uma utopia que encontre duas ideias diferentes no meio do caminho. Sendo falhas ou não, essas histórias que apontam para os primeiros passos ou para o horizonte ao qual queremos chegar nos convidam a pensar sobre elas — e talvez esse seja um dos elementos que mais nos faz falta.

Contar uma história utópica, ou mostrar que se podem contar histórias em um mundo melhor que o nosso, é uma tentativa de ressignificar o futuro, de desafiar a verdade que parece nos assolar de que ele é trágico. A partir disso, o que se faz no presente vira consequência de uma mudança de perspectiva.

A ficção nos ensina o que o futuro pode ser nos mostrando que, contra todas as "artimanhas e enganação" que tornam difícil a tarefa de imaginar um mundo melhor, as coisas podem realmente mudar. A ficção nos oferece entendimentos do mundo (ou seu possível futuro) que são novos, que nunca foram expressos antes. Nesse sentido, a ficção oferece um novo vocabulário que nos permite entender o presente e o futuro (JOHNSON, 2020, n.p., tradução minha).¹¹

Se o próprio tratamento psicoterapêutico pode envolver o simples — que de simples não tem

nada — trocar de palavras para designar um mesmo fato, mudando a forma com que o enxergamos, a literatura é continuação desse trabalho ao nos colocar em lugares que têm seu próprio vocabulário e sua própria maneira de lidar com o mundo. E com toda nova mudança, vem o novo desejo de uma mudança. Assim, não é de se espantar que a utopia não seja estática, como uma vez já foi defendido; pelo menos não a utopia que se propõe a estar sempre melhorando, para ser cada mais inclusiva e acolhedora.

A utopia do hoje não é a utopia do amanhã; de um jeito estranho para quem vivencia o hoje, nós podemos ser a utopia do passado. As palavras constroem sentidos e afetos mais profundos do que o cotidiano permite enxergar e que a literatura coloca em xeque. Ao juntarmos isso com a passagem do tempo, a tendência é que tudo se complique um pouco mais. Assim, não é um defeito que a utopia, seja ela positiva ou negativa, mude com o tempo; ela é tão mutável quanto aqueles que a imaginam.

O futuro a que queremos chegar

Tanto as utopias quanto as distopias, como já foi discutido, são estruturalmente informadas pelo contexto e pelo presente de sua produção — assim como a ficção científica, sem importar se a história que conta se passa no passado, no presente ou no futuro. Dessa maneira, fica claro que há movimentos que afetam todos que habitam no mesmo espaço e tempo, o que molda nossas subjetividades de algumas maneiras mais semelhantes que outras.

A utopia representa, então, um sonho de perfeição social. Que a visão do que possa ser essa perfeição varie com o tempo é algo tão evidente que não requer maior explicação: as utopias não são elocubrações no vazio — embora às vezes possam parecê-lo —, elas estão diretamente condicionadas (determinadas seria, talvez, um termo demasiado rígido) pelas condições mentais e materiais da época e pela condição social de seus autores (KELLER, 1991, p. 8, tradução minha).¹²

¹¹ Do original: Fiction can teach us what the future might be by showing us that, against the "trickery and deceit" which makes it difficult to imagine a better world, things really can change. Fiction offers understandings of the world (or its possible future) which are novel, which have never been expressed before. In this sense, fiction offers a new vocabulary in which to understand the present and the future.

¹² Do original: La utopía representa, pues, un sueño de perfección social. Que la visión de lo que pueda ser esta perfección varie con el

Escrever uma história utópica ou distópica é, na verdade, um grande mergulho no mar de predefinições que nos habita. Assim como os personagens de *Admirável Mundo Novo*¹³ têm a tendência de repetir frases que já ouviram mil vezes para justificar suas ações ou as ações do mundo, não é incomum que surjam, na escrita de uma história utópica, condicionamentos inconscientes que, se não alertados por um leitor ou pela releitura, podem passar em branco, tal é a naturalidade com que encaramos certos fatos da vida contemporânea — fatos muitas vezes deveras distópicos.

A escrita desse mundo utópico, ou do deslocamento do mundo distópico, de preferência alcançável, não deixa de ser uma tomada de consciência dos limites de pensamento que já sofremos no agora. Ainda assim, o desafio de pensar para além desses condicionamentos e dos limites que se apresentam todos os dias abre possibilidades de ser, estar e pensar no mundo.

A utopia abre possibilidades que teriam continuado fechadas se não tivessem sido vistas pela antecipação utópica. Cada utopia é uma antecipação da realização humana, e já foi mostrado que muitas coisas antecipadas nas utopias eram possibilidades reais (KELLER, 1991, p. 10, tradução minha).¹⁴

Apesar de a palavra "pedagógico" estar atrelada, no debate sobre literatura, a certo proselitismo ou demérito literário, num movimento de ou acreditar que o leitor sabe menos do que o autor ou de preponderar sobre a obra o ensinamento e não a própria obra, não custa tentarmos nos livrar um pouco dessa predefinição para atrelar algo de educação, literatura e sonho — palavras em muito utópicas, no melhor dos sentidos. Contar histórias utópicas tem seu chão no desejo de ver um mundo melhor, conquistado por todos que conseguiram ver, a partir de projetos realizáveis,

um fim para os sofrimentos que mais nos acometem no nosso presente. E embora isso seja sobre literatura, ecoa no que Larrosa diz sobre educação:

E a educação sempre tem a ver com uma vida que está mais além de nossa própria vida, com um tempo que está mais além de nosso próprio tempo, com um mundo que está mais além de nosso próprio mundo... e como não gostamos desta vida, nem deste tempo, nem deste mundo, queríamos que os novos, os que vêm à vida, ao tempo e ao mundo, os que recebem de nós a vida, o tempo e o mundo, os que viverão uma vida que não será a nossa e em um tempo que não será o nosso e em um mundo que não será o nosso, porém uma vida, um tempo e um mundo que, de alguma maneira, nós lhe damos... queríamos que os novos pudessem viver uma vida digna, um tempo digno, um mundo em que não dê vergonha viver (LARROSA, 2015, p. 36-37).

No fim, a educação e a literatura utópica têm um mesmo desejo: que o sofrimento de hoje não seja o mesmo sofrimento de amanhã; que o que nos dá vergonha hoje não nos dê vergonha no amanhã. É um desejo simples, fácil de ser taxado de ingênuo, em que pese custar caro e demandar tempo para se manter e se concretizar.

É necessário, então, abrir caminho para que os projetos realizáveis encontrem cada um que esteja disposto e disponível para eles. Se é possível encontrar caminhos dentro da literatura que nos convidem a sonhar e a imaginar ações quase intrínsecas à leitura, e, a partir disso, mudar qualquer coisa que seja, esses dois elementos devem ser também imbrincados a tantas outras ações e vivências que fazem parte da vida humana. Não é tarefa da educação ou da literatura simplesmente, mas de cada um dentro do que pode fazer a partir de sua realidade. A partir da subversão das distopias contemporâneas ou da adoção das utopias realizáveis, jogando com o conceito de distopia positiva, é possível encontrar

tiempo es algo tan evidente que no requiere mayor explicación: las utopías no son elucubraciones en el vacío —aunque a veces puedan parecerlo—, sino que están directamente influenciadas (determinadas sería, quizá, un término demasiado rígido) por las condiciones mentales y materiales de la época y por la condición social de sus autores.

¹³ Obra do escritor Aldous Huxley, publicada pela primeira vez em 1932, que trata de uma sociedade futurista, baseada em Londres, explorando conceitos como condicionamento clássico, reprodução manipulada e manipulação psicológica. A repetição de frases é utilizada no livro para a fixação de ideais.

¹⁴ Do original: La utopia abre unas posibilidades que habrían continuado cerradas de no haber sido vistas por la anticipación utópica. Cada utopia es una anticipación de la realización humana, y se ha mostrado que muchas cosas anticipadas en las utopias eran posibilidades reales.

novas funções e desdobramentos para obras que, agora, podem correr o risco de estarem contribuindo para o mal que querem evitar.

Referências

BLACK MIRROR. Criação de: Charlie Brooker. Reino Unido: Zeppotron (2011–2013), House of Tomorrow (2014–2019), Broke & Bones (2023–). Série exibida pela Netflix, son., color.

GINWAY, Mary Elizabeth. *Ficção Científica Brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*. São Paulo: Devir, 2005.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, v. 18, p. 201-215, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 20 jan. 2023.

JOHNSON, Isajiah. "Solarpunk" & the Pedagogical Value of Utopia. *The Journal of Sustainability Education*, Prescott, v. 23, mai. 2020.

KELLER, Estrella López. Distopia: otro final de la utopia. *REIS*, Madrid, n. 55, p. 7-23, 1991.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MIDGLEY, Mary. *UTOPIAS, DOLPHINS AND COMPUTERS: problems of philosophical plumbing*. Londres: Taylor & Francis E-Library, 2005.

MITCHELL, Sean T. Pessimismo Cruel. In: JARRÍN, Alvaro; JUNGE, Benjamin; MITCHELL, Sean; CANTERO, Lucia; BIONDI, Karina (orgs.). *Democracia Precária: etnografias de esperança, desespero e resistência no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2022.

MORE, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2018.

PUCHNER, Martin. *O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUEIMADA!. Direção de Gillo Pontecorvo. Itália: Produzioni Europee Associati, 1969. Son., color.

RÜSCHE, Ana. *Utopia, feminismo e resignação em The Left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale*. 2015. 131 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Giovana Silva de Oliveira

Doutoranda em Estudos Literários Aplicados: literatura, ensino e escrita criativa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Estudos Literários e licenciada em Português e Espanhol pela mesma instituição. Possui graduação em Escrita Criativa, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Seu livro de estreia, *Aguapés*, foi publicado em 2023.

Agradecimento

Agradeço a minha orientadora de mestrado, Magali Lopes Endruweit, sem a qual não teria sido possível realizar este trabalho.

Endereço para correspondência

GIOVANA SILVA DE OLIVEIRA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rodovia RS 030, 11.700 km 92, Prédio 61508 - Sala 102
Emboaba, 95590-000
Tramandai, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetidos para avaliação da autora antes da publicação.